A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

Neidimar Coelho Passos[1], Juliane Malagesse Hernandes[2], Luciane Cristina Favaretto Moreira[3], Naí Idilene Zago Chiaroto[4]

[1]Uniararas, Araras, Brasil, neidimarcoelho@gmail.com

[2] Uniararas, Araras, Brasil, [3] Uniararas, Araras, Brasil , [4] Uniararas, Araras, Brasil.

Resumo: O presente artigo aborda a influência da afetividade na educação. O objetivo é mostrar como os sentimentos e emoções desempenham um papel importante no ensino e aprendizagem. A afetividade é vista como como fator fundamental e indissociável da educação, sendo parte fundamental deste conjunto. Esse trabalho é uma pesquisa bibliográfica, tendo como base de dados artigos, livros e teses disponíveis na Scielo e Google Acadêmico.

Palavras-chave: **:** Afetividade. Educação. Criança.

INTRODUÇÃO

Atualmente muito se fala da afetividade na Educação Infantil, a importância e os efeitos da relação professor e aluno para desenvolvimento das habilidades destinadas para essa primeira etapa da vida escolar da criança.

A afetividade na Educação é de extrema importância, pois é nessa etapa que se desenvolvem as relações interpessoais e o sentimento de pertencimento à escola. Uma relação afetiva entre professor e aluno é fundamental para que a criança se sinta acolhida e valorizada, tendo assim a oportunidade de aproveitar ao máximo as experiências propostas.

É importante destacar que o professor deve educar e ensinar com empatia, respeito e carinho, pois isso vai ajudar o aluno a se sentir seguro e acolhido. Além disso, o professor também deve estimular o aluno a expressar seus sentimentos e a desenvolver sua autonomia, contribuindo assim para o seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial.

A afetividade na Educação também contribui para que a criança se desenvolva de forma harmoniosa e equilibrada, pois ao se sentir acolhida e segura ela se sente à vontade para experimentar e aprender.

Baseada na ideia de que o professor não é somente um transmissor de conhecimento e na necessidade da troca entre eles, que esse trabalho foi desenvolvido.

O presente artigo utiliza como metodologia de trabalho a pesquisa de revisão bibliográfica, elencando à prática da docência infantil baseada nas relações de afeto e como esses vínculos reflete no desenvolvimento da criança.

Os autores utilizados para o desenvolvimento tema foram Piaget (1990), Vygotsky (1995), Wallon (2008) e Saltini (2008).

Esse trabalho tem como objetivo buscar a partir do estudo de algumas obras educacionais e referencias teóricas sobre a afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil, ligando contribuições positivas da relação afetiva entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar.

MATERIAL E MÉTODOS

EDUCAÇÃO X AFETIVIDADE

É importante uma discussão sobre a educação infantil, visto que a mesma tem amparo legal. A educação é um direito previsto por lei, e por isso é importante que haja discussões acerca desta área, a fim de que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade. É preciso discutir formas de melhorar a educação, desde a infraestrutura escolar até a qualidade dos conteúdos e dos profissionais que trabalham com as crianças. Também é importante discutir sobre o acesso ao ensino, para que as crianças de todos os segmentos sociais possam ter acesso à educação.

No artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil (lei 9394/96), diz que:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Dentre os inúmeros fatores que podem contribuir para um desenvolvimento integral da criança incluem a fornecimento de um ambiente estável, seguro e estimulante; a criação de laços afetivos fortes; a criação de oportunidades para a criança desenvolver suas habilidades e competências; e a orientação adequada. Portanto é importante que o educador conheça bem seus alunos para que comportamentos possam ser entendidos e tomadas as devidas decisões.

Pesquisadores como Piaget (1990), Vygotsky (1995), Wallon (2008) e Saltini (2008) atribuem grande importância na relação professor aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A afetividade é um dos principais conceitos abordados na Teoria da Inteligência de Piaget. Segundo Piaget (1990), a afetividade é a capacidade de sentir emoções de forma consciente e conscientizar a si mesmo sobre essas emoções. Além disso, Piaget considera que a afetividade é um meio de aprendizagem e que ajuda a desenvolver a inteligência. Assim, segundo Piaget, o desenvolvimento emocional é um elemento importante para o desenvolvimento cognitivo e intelectual.

Para Vygotsky (1995) a afetividade desempenha um papel fundamental na aquisição de conhecimento humano. Para ele, o desenvolvimento emocional e intelectual de uma criança é uma unidade indivisível. A afetividade desempenha um papel importante na aquisição de conhecimentos e na formação de relações sociais entre as pessoas. Segundo o autor:

> As interações sociais (entre alunos e professores) no contexto escolar passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitem o diálogo, a cooperação e troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vistas divergentes e que implicam na divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objeto comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram como também promovê-las no cotidiano das salas de aula. (VIGOTSKY apud REGO,1995, p. 110) .

Cabe ao professor permitir esses momentos de interações, entre as crianças, promover uma relação dialógica de construção de conhecimentos entre o aluno que já sabe e o que vai aprender.

A afetividade em Wallon é referida como o bem-estar emocional, ou seja, a capacidade de sentir emoções positivas e saudáveis, como amor, compreensão e aceitação.

O reconhecimento das necessidades emocionais dos alunos, bem como a criação de um ambiente de amor e aceitação, é essencial para garantir que as crianças se sintam seguras e tenham a oportunidade de desenvolver sentimentos positivos.

É importante que os pais, educadores e cuidadores mostrem afeto com palavras e ações, como abraços, sorrisos, elogios e gestos de carinho.

O papel dos educadores é fundamental para o desenvolvimento da afetividade. Eles devem criar um ambiente de aceitação e compreensão e incentivar a participação e interação entre os alunos.

O objetivo é promover o bem-estar emocional, ajudando as crianças a crescer como seres humanos saudáveis e produtivos.

Já para Saltini (2008), a afetividade é a capacidade que as pessoas têm de estabelecer relações afetivas com outros seres humanos e também com o meio ambiente. É a capacidade de sentir, expressar e compartilhar emoções, sentimentos e afetos. É a capacidade de estabelecer vínculos com outros, de desenvolver uma ligação emocional, de se relacionar de modo positivo com o outro. Se tratando da afetividade na Educação Infantil o autor fala que:

> Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e de aprendizado. (SALTINI, 2008, p.100)

O vínculo de afetividade entre professor e aluno aumenta na vivência e na medida em que é estimulado, o que garante um desenvolvimento maior e emotivo no ensino.

Em análise aos teóricos citados no trabalho podemos observar que há uma totalidade na afirmação sobre a importância da afetividade para a Educação, tendo como ênfase no caso desse trabalho a Educação Infantil. As potencialidades da criança são intensificadas quando ela se sente acolhida, aceita e segura no ambiente escolar, refletindo assim de forma positiva no seu próprio aprendizado e contribuindo para o desenvolvimento do outro ao qual interage com ele.

A dualidade entre razão e emoção está presente no pensamento de vários filósofos desde a Grécia Antiga. Platão (apud SILVA, 2002) acreditava que a virtude era a liberação e troca de todas as paixões, prazeres e valores individuais pelo pensamento, que para o filósofo era um valor universal presente nas imutáveis formas eternas. Mais tarde, quando Descartes criou a

famosa idéia "penso, logo existo" ressaltou ainda mais a separação entre razão e emoção, sendo que a primeira é tida como mais nobre e importante.

Immanuel Kant (apud SILVA, 2002) na obra Fundamentação da metafísica dos costumes afirma que é impossível existir um encontro entre a razão e a felicidade, pois considerava as paixões como doenças da alma e continuou afirmando, no século XVIII a hierarquia entre razão e a emoção.

Nesse sentido, Luckesi (s.d.) afirma que a educação moderna (entre os séculos XVI e XX) privilegiou a formação lógica da mente através de conteúdos científicos, sob a crença iluminista de que "conhecer é poder" e este conhecimento refere-se ao conhecimento cognitivo, tido como certo. Foi com esse olhar que a educação predominou nas escolas modernas.

Na segunda metade do século XX, primeiros anos do século XXI essa perspectiva começou a mudar e afetividade passou a ganhar espaço tanto na psicologia quanto na educação.

Tanto no campo da psicologia quanto no campo da neurologia, algumas perspectivas teóricas e científicas questionam os tradicionais dualismos do pensamento ocidental, apontando caminhos e hipóteses que prometem inovar as teorias sobre o funcionamento psíquico humano, na direção de integrar dialeticamente cognição e afetividade, razão e emoções.(ARANTES, 2002).

O primeiro autor que elaborou uma teoria nesse sentido de integrar a afetividade e os aspectos cognitivos funcionais foi o biólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget. Em um trabalho publicado a partir de um curso que o autor ministrou na universidade de Sorbonne, o autor afirmou que apesar das diferentes naturezas, a afetividade e a cognição são inseparáveis em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Piaget afirmou também que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade.

Para Piaget (apud ARANTES, 2002) os estados afetivos não existem sem os elementos cognitivos, da mesma formaque não existem comportamentos simplesmente cognitivos. Quando o autor discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, diz que a asimilação possui um aspecto afetivo que é o interesse em assimilar o objeto ao self e um aspecto cignitivo que é a compreensão. Já na acomodação a afetividade se encontra no interesse pelo objeto novo e a cognição está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno.

Assim, o autor vê um papel funcional da afetividade na inteligência, porque ela é a fonte de energia que impulsiona o funcionamento da cognição como se fosse a gasolina que ativa o motor de um carro, mas não modifica a sua estrutura. Assim, embora diferentes, afetividade e cognição para Piaget (apud ARANTES, 2002) agem em conjunto na formação da inteligência e na construção do conhecimento.

A afetividade também se encontra presente nas relações entre os sujeitos e deles com os objetos impulsionando e direcionando o interesse dos indivíduos para uma ou outra situação, de modo que ao mesmo tempo em que todos os objetos são objetos de conhecimento, eles também são de afeto.

Arantes (2002) chama atenção para o fato de que no decorrer de seu trabalho, Piaget incorpora um outro elemento na relação afetividade/cognição que são os valores.

Ele considera os valores como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito. Os valores se originam, assim, do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo. (ARANTES, 2002).

Seguindo o mesmo raciocínio de Piaget, o psicólogo Lev Seminovich Vygotsky, afirmou que as emoções estão integradas ao funcionamento mental geral e participam ativamente de sua configuração. Vygotsky (apud ARANTES, 2002) reconheceu as bases orgânicas a partir das quais as emoções se desenvolvem e buscou no desenvolvimento da linguagem enquanto sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, os elementos fundamentais para a compreensão da origem do psiquismo.

Segundo Oliveira (2000, p. 122), a linguagem é produto da expressão e da cultura e aparece na teoria de Vygotsky como "um lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborado", ou seja, "um modo de compreender o mundo, se compreender diante e a partir dele e de se relacionar com ele".

É possível perceber o interesse em unificar as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico nas palavras do próprio autor

Segundo Mahoney e Almeida (2005) o processo de ensino-aprendizagem só pode ser analisado em unidade, pois o ensino e a aprendizagem são duas faces da mesma moeda e nessa unidade a relação interpessoal entre professor e aluno é um fator

determinante, porque ambos atores do processo estão em constante desenvolvimento.

É fundamental que o professor compreenda o processo de ensino-aprendizagem, bem como o papel da afetividade nesse processo.

Em relação ao ensino, o professor deve ter claro que a confiança na capacidade do aluno é fundamental para que o mesmo aprenda. Além disso, o educador deve perceber que ao promover o desenvolvimento dos seus alunos, ele está promovendo o seu próprio e ao desempenhar suas tarefas no cotidiano escola revela diferentes saberes (conhecimento específico de sua área e de como comunicá-la aos alunos, habilidades de relacionamento interpessoal, conteúdos da cultura) que são temporais, plurais e heterogêneos; esses saberes são construídos no tempo, na socialização familiar, escolar, profissional, numa integração cognitiva-afetiva (conhecimentos, concepções, crenças, valores). Também é preciso saber que as emoções e sentimentos variam de intensidade em função de contextos, mas estão presentes em todos os momentos da vida, interferindo de alguma forma em nossas atividades.

Em relação à aprendizagem é preciso compreender que os alunos buscam a escola com motivações diferentes e cada um deles tem características próprias de acordo com o seu desenvolvimento, tem saberes elaborados nas suas condições de existência, mas todos eles funcionam de uma forma integrada, ou seja, não é possível separar as dimensões afetiva-cognitiva-motora das pessoas.

Assim, a escola é um meio essencial para o desenvolvimento do professor e do aluno, pois permite que o indivíduo participe de vários grupos. Nesse meio, professor e aluno são afetados um pelo outro e ambos pelo meio. Quando as necessidades afetivas, cognitivas e motoras de professores e alunos não são satisfeitas ambos ficam prejudicados e isso reflete diretamente no processo de ensino-aprendizagem. O aluno pode ter dificuldades em aprender, já o professor pode se portar de forma descompromissada e apática o que prejudica a sua atividade.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), a teoria de Wallon é um instrumento importante para que o professor amplie sua compreensão sobre as possibilidades do aluno no processo ensino-aprendizagem, além de fornecer elementos para que o professor reflita como o ensino pode criar intencionalmente condições para que o aluno aprenda novos comportamentos, idéias, valores e conceitos. Conforme a teoria do desenvolvimento descreve características de cada estágio ela também oferece meios para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais produtivo, pois permite que o professor oriente suas atividades de acordo com o nível de desenvolvimento dos seus alunos promovendo um entrosamento produtivo das características de cada estágio de desenvolvimento, na medida em que se apresentem em seus alunos concretos e nas atividades de ensino.

Daí a importância de o professor encarar a teoria como um conjunto sistematizado de proposições hipotéticas a serem constantemente testadas, verificadas no confronto com os resultados do processo ensino-aprendizagem do aluno, na situação concreta de sala de aula. Assim, ao lado dos conhecimentos teóricos, assumem relevância a sensibilidade, a curiosidade, a atenção, o questionamento e a habilidade de observação do professor sobre o que se passa no processo ensino-aprendizagem. (MAHONEY;ALMEIDA, 2005, p. 26)

Nesse sentido, a teoria do desenvolvimento assume três funções paralelas e complementares: oferece previsibilidade à rotina, fornece subsídios para o questionamento e o enriquecimento da prática e da própria teoria e possibilita ações mais autônomas e seguras.

Segundo as referidas autoras a teoria psicogenética de Wallon tem como eixo central a interação de organismo-meio e a interação cognitivia-afetiva-motora.

Na teoria do desenvolvimento de Wallon a afetividade aparece como a capacidade e a disposição do ser humano ser afetado pelo mundo externo e interno através de sensações ligadas à tonalidades agradáveis ou desagradáveis, sendo que ser afetado significa reagir com atividades internas ou externas que a situação desperta.

A afetividade desenvolve-se a partir de três momentos marcantes e sucessivos, a saber: emoção, sentimento e paixão. Os três são resultados de fatores orgânicos e sociais correspondentes à configurações diferentes. Na emoção, há o predomínio da ativação fisiológica, no sentimento, da ativação representacional, na paixão, da ativação do autocontrole.

Emoção

A emoção é a exteriorização da afetividade, ou seja, sua expressão corporal, motora que tem um poder plástico, expressivo e contagioso. Ela é o primeiro elo entre o orgânico e o social. Através dela o indivíduo estabelece os primeiros laços com o mundo humano e com o mundo físico.

Segundo Mahoney e Almeida (2005) as emoções são sistemas de atitudes que se revelam pelo tônus. A atitude é a expressão que combina o tônus (nível de

tensão muscular) e a intenção, sendo que cada atitude é associada a uma ou mais situações.

A emoção está presente desde o início da vida, com os espasmos do recém-nascido, dessas primeiras reações vão se diferenciando as emoções e cada uma dela passa a corresponder a um padrão postural onde a energia é liberada com maior ou menor intensidade. Os automatismos específicos são resultado da maturação funcional que permite respostas rápidas e inpensadas de fuga ou ataque suscitando reflexos condicionados.

Por ser um instrumento de sociabilidade, a emoção é determinante na evolução mental, pois a criança corresponde a estímulos musculares, viscerais e externos. Esse movimento expressa a sensibilidade da criança se estendendo ao ambiente, passando a reproduzir estímulos do ambiente e o contato com o mundo tende a tornar mais precisas e adequadas essas reproduções.

O sincretismo para a diferenciação está presente na emoção como sincretismo subjetivo quando o indivíduo não sabe como se distinguir das outras pessoas, ou como sincretismo objetivo quando não sabe como se distinguir das coisas do ambiente. A emoção estimula mudanças que tendem a diminuí-la conforme aumenta o desenvolvimento cognitivo.

A emoção e atividade intelectual são antagônicas, o aparecimento de uma imagem que resulte da comparação ou de uma previsão só poderá surgir conforme as emoções vão diminuindo e, sempre que elas voltam a dominar as atitudes afetivas, a imagem se confundirá. Portanto, o predomínio cognitivo é ligado a imagens mais claras, já o predomínio afetivo a imagens menos claras.

Sentimento

Conforme Mahoney e Almeida (2005), o sentimento corresponde à expressão representacional da afetividade e não implica em reações instantâneas e diretas como a emoção. Esse sentimento é oposto ao arrebatamento, e tenta reprimir e impor controle as emoções, expressando-se através da linguagem que multiplicam as tonalidades, as cumplicidades tácitas ou subentendidas.

Nesse sentido, o adulto possui maiores recursos de representacional: observa, reflete antes de agir; sabe onde, como e quando se expressar; traduz intelectualmente seus motivos ou circunstâncias.

Paixão

A paixão demonstra o aparecimento do autocontrole para dominar uma situação e calar a emoção. Essa não aparece antes do estágio do personalismo e caracteriza-se por ciúmes, exigências, exclusividade.

As etapas do desenvolvimento em Wallon

De acordo com Wallon (in Galvão, 2001) o desenvolvimento infantil é marcado por etapas de desenvolvimento. A primeira dessas etapas acontece ainda nas primeiras semanas após o nascimento. Nesse período existe um predomínio das funções fisiológicas e instintivas, percepção do próprio corpo acontece, para a criança de uma forma confusa.

Os movimentos ordenados que a criança realiza nesse período são orientados pelo ato de nutrição, mas não são restritos a ele. A maior evolução motora desse período é a transformação dos sistemas “sincinésicos” composto por contrações e contorções em movimentos mais elaborados e adaptados.

Aos três meses a criança começa a se relacionar com o mundo exterior ligando os seus desejos a ele, tornando possível o aparecimento dos reflexos, a sua entrada no meio humano.

Aos seis meses a criança já possuiu muitas formas de demonstrar suas emoções, estabelecendo uma troca maior com o meio humano, entrando num período de “intuicionismo fecundo”. Nesse período o movimento comandado pela emoção é um elemento fundamental para que a criança passe a fazer parte do meio humano e estabeleça vínculos com os indivíduos do seu grupo passando a fazer parte dele.

A partir do nono mês a criança entra em outra etapa do desenvolvimento, a etapa sensório-motora que se estende até os dois anos. Nesse período aparecem as ligações entre os movimentos e as sensações e os sentidos ficam mais apurados. No início da etapa sensório-motora, a boca (“espaço bucal”) é o meio que a criança tem de conhecer o mundo, pois lhe transmite sensações diferenciadas sobre os objetos. Posteriormente, ocorre a fase do “espaço próximo” onde a criança usa a mão e o tato para explorar o mundo e, por fim a fase do ”espaço locomotor” onde a criança começa a andar e se tornar mais independente.

Aos dois anos a criança aprende a andar e adquire a linguagem. O fato de aprender a andar a torna mais livre e permite explorar outros meios e construir sua atividade, estabelecendo as ligações entre os espaços que antes, quando era conduzida, a criança percebia de maneira fragmentada.

A aquisição da linguagem representa, para a criança, uma opção de substituir um objeto, não de representá-lo. Com a linguagem a criança entra no mundo dos símbolos e novas formas de pensar a partir da objetivação dos seus desejos.

Aos três anos a criança vive a "crise de personalidade" onde a partir da negação "do EU do MEU e do NÃO" ela procura outro tipo de independência, a independência de sua personalidade através da auto-afirmação. Quando essa crise acontece precocemente ou intensamente, a criança demonstra toda negação do outro no seu desenvolvimento. Já quando acontece de uma forma leve mostra que a criança ainda é muito limitada em suas ações, seus pensamentos e iniciativas à vontade do outro. Nesse período a criança experimenta o sentimento de posse dos seus objetos.

Aos quatro anos a criança entra na "idade da graça" que é decisiva na formação da personalidade, onde presta mais atenção à forma como se comporta e aos seus atos. Os gestos da criança se tornam compassados para ela mesma de acordo com um valor estético que ela desenvolve sobre esses gestos. A partir disso, o sentimento de timidez aparece, pois a criança passa a perceber o efeito de sua postura sobre as outras pessoas.

Nesse período a criança incorpora informações sobre onde mora, quantos anos tem, entre outras e seus pensamentos, como elementos da sua personalidade. Nessa idade a criança também é capaz de observar e se concentrar mais nas tarefas e desafios.

Surge também o sentimento de ciúme do pai, pois a criança o tem como um exemplo e rival ao mesmo tempo.

Ainda nessa idade a criança começa a imitar o outro na tentativa de tomar o lugar dele, pois o outro possibilita o enriquecimento do eu da criança. Nessa idade, a criança já começa a estabelecer uma relação afetiva com a sua família onde a criança começa a ter uma personalidade diferenciada do meio, mas não completamente, pois ela não consegue saber muito bem qual a sua posição no meio familiar. Na "idade da graça" a criança ainda depende muito da afetividade. O desenvolvimento intelectual nessa fase é bem avançado, pois a criança já classifica e distribui objetos a partir de "categorias genéricas".

Depois dos seis anos a criança entra na "idade escolar" onde os seus interesses se voltam para os objetos. Ao entrar no ensino fundamental, a criança precisa amadurecer bastante e muito rápido e deixar para trás a afetividade da pré-escola que não é aceita pelos colegas. Nessa idade, as crianças experimentam outros papéis tanto nos jogos quanto nos grupos que pertencem (família, escola, etc.). Isso deixa a criança mais preparada para o desenvolvimento de um pensamento mais objetivo no plano intelectual e para que ela forme a sua personalidade própria.

Enquanto na pré-escola as crianças executam as atividades até perderem o interesse por ela, na escola fundamental a duração das atividades é imposta de acordo com o tempo.

Na idade escolar o desenvolvimento intelectual da criança permite uma diminuição do sincretismo e em seu lugar surge a análise e a síntese. O global primitivo também vai se desfazendo aos poucos e dando lugar às categorias intelectuais que permitem que as crianças se aproximem da forma de pensar adulta.

A idade escolar. Depois dos 6 anos, com uma nova reviravolta, o interesse da criança vai voltar-se, sobretudo para as coisas. A idade da entrada na escola primária marca uma etapa importante: assim como a atmosfera de ternura é natural à escola maternal, assim também se mostra superada na escola primária. [...] (WALLON in GALVÃO, 2001, p. 121).

Nessa fase, as relações sociais deixam de ser puramente afetivas e começam a acontecer segundo outros interesses, como trabalho, jogos, estudos e etc. Assim as relações se diversificam conforme as diversas situações que a criança vive.

No plano intelectual o período de 7 a 12 anos é aquele em que o sincretismo recua ante a análise e a síntese: as categorias intelectuais dissolvem e pulverizam aos poucos o global e o primitivo. A criança se aproxima da objetividade da percepção e do pensamento dos adultos (WALLON in GALVÃO, 2001, p. 121).

A partir dos 12 anos a criança entra na "época da puberdade" um momento de crise onde o Eu volta a ser o centro das relações afetivas e seu intelecto é capaz de deixar as coisas e trabalhar com as leis.

Durante esse processo de transformação e desenvolvimento pelo qual passa a criança, o professor participa ativamente, nesta relação ele é o adulto que conhece melhor suas possibilidades, limitações, valores e conhecimentos. Ser adulto significa ter desenvolvido uma consciência moral: reconhecer e assumir com clareza seus valores e dirigir suas decisões e escolhas de acordo com eles. É essa definição de valores e compromissos com eles que marca o fim da adolescência, onde houve a luta por essa definição. Por ter mais clareza de seus valores o adulto pode direcionar suas energias para o outro, acolhe-lo solidariamente e continuar a se desenvolver com ele.

Esse é um indicador de amadurecimento: conseguir um equilíbrio entre "estar centrado em si" e "estar centrado no outro", um equilíbrio nas direções para dentro — conhecimento de si — e para fora — conhecimento do mundo. Daí a importância do

professor adulto: tem melhores condições para o acolhimento do outro, de seus alunos e de seus pares. (MAHONEY E ALMEIDA, p. 16)

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos. (VYGOSTKY, 1996, 88)

Oliveira (1992) diz que Vygotsky diferenciava, no significado da palavra dois componentes: o significado e o sentido, sendo que o primeiro deles refere-se ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de desenvolvimento da palavra e o segundo refere-se ao significado da palavra para cada pessoa. Nesse último componente se encontram as experiências individuais, portanto, a afetividade. Assim, a autora afirma que "no próprio significado da palavra, tão central para Vygotsky, encontra-se uma concretização de sua perspectiva integradora dos aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano". (OLIVEIRA, 1992)

Outro importante autor que dedicou-se à integração da afetividade e da inteligêncoa foi o filóofo, médico e psicólogo francês Henri Wallon, reconhecendo as raízes orgânicas da emoção. Com o objetivo de compreender o psiquismo humano, o autor se dedicou ao estudo da dimensão afetiva, criticando duramente as teorias clássicas que definiam as emoções como reações incoerentes e tumultuadas que exerciam um efeito perturbador sobre a atividade motora e intelectual, ou aquelas teorias que viam a emoção como reações positivas que exercia um poder ativador e energético sobre as demais ações. Wallon (apud ARANTES, 2002), acreditava que ambas as teorias percebiam a emoção nuama lógica mecanicista e linear, então, decidiu romper com as concepções valorativas das emoções e buscou compreendê-la a partir da apreensão de suas funções, atribuindo a elas um papel essencial na evolução da consciência de si. Desse modo, as emoções são para Wallon (apud ARANTES, 2002) um fenômeno orgânico, psiquico e social.

Assim, da mesma forma que Piaget e Vygostky, Wallon compartilha a idéia de que emoção e razão são elementos conectados

A comoção do medo ou da cólera diminui quando o sujeito se esforça para definir-lhe as causas. Um sofrimento físico, que procuramos traduzir em imagens, perde algo de sua agudez orgânica. O sofrimento moral, que conseguimos relatar a nós mesmos, cessa de ser lancinante e intolerável. Fazer um poema ou um romance de sua dor era, para Goethe, um meio de furtar-se a ela (WALLON, 1986) .

Na perspectiva genética de Wallon (1986), existe uma integração entre inteligência e afetividade, pois a evolução da afetividade depende das construções cognitivas, da mesma forma que a evolução da inteligência depende das construções afetivas, entretanto, segundo o autor, existem fases do desenvolvimento humano em que predominam o afetivo e em outras, a inteligência.

Durante esse processo algumas tendências educacionais chegaram a extremos de trabalhar com súmulas de conhecimento que eram repetidas pelos estudantes, sem que eles compreendessem, era a aprendizagem de memória, o que Paulo Freire (apud Luckesi s.d.) chamou de educação bancária. Por outros lado, algumas tendências consideraram que apenas do afetivo interessava e que o desenvolvimento cognitivo seria adquirido ao longo da vida, conforme necessário.

Luckesi (s.d) acredita que os dois extremos distorcem o que a prática educativa tem de melhor que é o ser humano como um todo, dotado de capacidades cognitivas, afetivas, motoras, físicas entre tantas outras. A separação entre afetividade e cognição, assim como as diferentes disciplinas de conhecimento, se dá porque a capacidade humana de compreender é limitada e opera por facetas, por isso, os conhecimentos são fracionados, mas o ideal é que o indivíduo compreenda a si e ao conhecimento como um todo de modo que afetividade e cognição são complementares e interrelacionados.

Para que a capacidade cognitiva opere é necessário que a afetividade permita. Assim, o cognitivo não se dá de forma satisfatória sem que haja a afetividade como pano de fundo. Nem alunos nem professores aprendem se não estiverem dispostos, se não houver desejo, gosto e interesse para isso. E não só no campo da aprendizagem, em todos os outros, se não houver afetividade, não há satisfação.

A afetividade não é mais importante que a cognição, ela é igualmente importante, pois sem ela os sujeitos não compreenderiam nada, a humanidade não alcançaria avanços tecnológicos. Por isso, tanto afetividade quanto cognição “cada uma delas, com suas propriedades, tem seu papel significativo na vida humana e, por isso, necessitam de ser tomadas em consideração na prática educativa” (LUCKESI, s.d).

A afetividade é importante para a formação do indivíduo e para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. Ela possibilita ao indivíduo desenvolver sentimentos e emoções como cuidado, amor, confiança e respeito e, assim, se relacionar com seu meio. Ela também pode ser considerada como um fator importante para o desenvolvimento das

habilidades cognitivas. Ela auxilia na aprendizagem e na aquisição de novos conhecimentos, pois possibilita o estabelecimento de relações saudáveis entre o professor e o aluno, permitindo ao aluno se sentir seguro para experimentar e expressar seus pensamentos e ideias (LIBÂNEO,2001).

Portanto, é necessário que os educadores e professores incentivem a afetividade e a cognição entre seus alunos. A afetividade pode ser ensinada através de atividades como discussões em grupo, dramatizações, jogos e outras atividades lúdicas que estimulem o diálogo e o trabalho em equipe. Já a cognição pode ser ensinada através de atividades que estimulem o raciocínio lógico, a resolução de problemas e a capacidade de se relacionar com o meio. Assim, é possível garantir que os alunos desenvolvam tanto suas habilidades afetivas como cognitivas, possibilitando que eles alcancem seu pleno desenvolvimento.

De acordo com Tassoni (2005), atualmente existe uma grande diferença quanto à conceituação dos fenômenos afetivos. Apesar da literatura colocar os termos afeto, emoção e sentimento como sinônimos, isso não é bem verdade, porque o termo emoção encontra-se na maioria das vezes relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se sempre a uma agitação ou a uma reação física. Já a afetividade é uma expressão de sentido mais amplo, porque engloba as vivências dos indivíduos e as formas de expressão mais complexas e fundamentalmente humanas.

Engelmann (1978) tentou através de uma profunda revisão terminológica das variações semânticas ao longo da história das palavras: emoções, sentimentos, estados de ânimo, paixão, afeto e estados afetivos, em diversos idiomas (francês, inglês, alemão, italiano e português). Com isso, o autor esperava esclarecer com precisão as particularidades de cada um dos termos que muitas vezes são utilizados como sinônimos, corrigindo a inadequação e o caráter vago em muitos casos. O autor concluiu que existe uma variação conceitual bem grande dependendo do autor e do idioma utilizado.

Pino diz que apesar das dificuldades de conceituação que acompanham historicamente os fenômenos afetivos, tais fenômenos sempre se referem às experiências subjetivas, que revelam a maneira como cada indivíduo "é afetado pelos acontecimentos da vida ou, melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele" (PINO, 1997).

Portanto os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo (PINO, 1997).

A natureza subjetiva dos fenômenos afetivos não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois estão relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos enquanto experiências vivenciadas. Dessa forma, tais experiências vão marcar e dar um sentido afetivo aos objetos culturais.

Wallon dedicou grande parte dos seus trabalhos ao estudo das emoções e da afetividade, o autor identificou as primeiras manifestações afetivas do ser humano, suas características e a grande complexidade que sofrem no decorrer do desenvolvimento assim como suas diversas relações com as demais atividades psíquicas. Assim, segundo Tassoni (2005), o autor afirma que a afetividade tem um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais.

Wallon atribui às emoções um papel e primeira grandeza na formação da vida psíquica, ela seria como um cimento entre o social e o orgânico. As relações da criança com o mundo exterior são, dês de o princípio relações de sociabilidade, visto que

ao nascer, não tem meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1971).

A partir de fundamentos darwinistas Wallon (1971) encontrou argumentos que ressaltam a origem do homem como um ser emocional, pois a análise de aspectos como prole reduzida em comparação com outros mamíferos e o prolongado período de dependência entre o bebê e seus pais é prova da importância da proximidade do outro no desenvolvimento humano. Nesse sentido, o autor defende que a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos.

Wallon (1978) afirma que a primeira relação do ser humano ao nascer é com as pessoas a sua volta. Assim, as primeiras manifestações do bebê assumem um caráter de comunicação entre ele e o outro, sendo um meio de sobrevivência tipicamente humano.

Os únicos atos úteis que a criança pode fazer, consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio.[...] Portanto, os primeiros gestos [...] não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas, de expressão (WALLON, 1978).

Para Wallon (1968) emoção e afetividade são duas coisas distintas, pois as emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos. As cólicas de um bebê são sentidas e comunicadas através do choro. O autor defende o caráter biológico das emoções, destacando que essas têm origem na função tônica, ou seja, toda alteração emocional provoca flutuações de tônus muscular, tanto de vísceras quanto da musculatura superficial, e conforme a natureza da emoção provoca um tipo de alteração muscular.

Wallon identifica emoções de natureza hipotônica, isto é, redutoras do tônus, tais como o susto e a depressão. [...] Outras emoções são hipertônicas, geradoras de tônus, tais como a cólera e a ansiedade, capazes de tornar pétrea a musculatura periférica (DANTAS, 1992).

A afetividade, por sua vez é mais ampla e envolve uma fama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade aparece num período posterior da evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos, pois, segundo Wallon (1978) é com o aparecimento destes elementos simbólicos que as emoções se transformam em sentimentos. A possibilidade de representação permite que os sentimentos sejam transferidos para o plano mental e adquiram certa durabilidade e moderação.

Partindo do princípio que o processo de aprendizagem é fruto de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, ou seja, é através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir, apropriando-se ou construindo novos conhecimentos e considerando que a qualidade dessas relações sociais influenciam diretamente na relação do indivíduo com os objetos, lugares e situações, Tassoni (2005) afirma que

A afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Além disso, a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas. (TASSONI, 2005).

Segundo Mahoney e Almeida (2005) o processo de ensino-aprendizagem só pode ser analisado em unidade, pois o ensino e a aprendizagem são duas faces da mesma moeda e nessa unidade a relação interpessoal entre professor e aluno é um fator determinante, porque ambos atores do processo estão em constante desenvolvimento.

É fundamental que o professor compreenda o processo de ensino-aprendizagem, bem como o papel da afetividade nesse processo.

CONCLUSÃO

Depois de um longo período de valorização da razão em detrimento da afetividade, estamos entrando num período onde a afetividade volta a ser vista como fundamental no processo de aprendizagem e principalmente na relação professor-aluno, principalmente porque nos dias de hoje a educação está sendo repensada diante das mudanças cada vez mais rápidas pelas quais passa a escola.

Nesse sentido, a afetividade torna-se fundamental para que esse processo de construção de conhecimento aconteça de forma satisfatória. É preciso que o professor crie um vínculo com o aluno, que o incentive a pensar, discutir e se aprofundar nos assuntos, que o estimule a superar os desafios que se apresentam e assim ajudar o aluno a se tornar um cidadão mais crítico e independente.

Para isso, o professor precisa ter em mente que o aprendizado não se baseia apenas na transmissão de informação, mas também na construção de um vínculo afetivo. Nesse sentido, o professor deve fazer uso de várias ferramentas como o diálogo, o bom-humor, a empatia e a compreensão. Dessa forma, ele poderá criar um ambiente de aprendizagem favorável e acolhedor, onde o aluno se sinta à vontade para expressar suas ideias e buscar soluções de forma criativa e independente.

Portanto, a afetividade passa a ser a grande pedra angular da relação professor-aluno, pois é a partir dela que se constrói o vínculo fundamental para que o processo de aprendizado ocorra de forma saudável e satisfatória.Quando se fala em afetividade nessa relação, não se trata da bajulação do professor para com o aluno e vice-versa, mas sim, o reconhecimento das diferenças, interesses, limites e possibilidades de cada um, para que a partir disso se estabeleça uma relação de respeito e democracia.

Desta forma Arantes (2002), afirma que a a afetividade na relação professor-aluno está relacionada ao acolhimento, ao respeito à individualidade de cada um, pois todos somos pessoas completas. Cabe ao professor promover as condições para que o aluno se sinta acolhido na escola e se sinta motivado a acolher e respeitar o professor.
O relacionamento professor-aluno é essencial para a construção do conhecimento na escola e para que a

criança adquira habilidades para lidar de maneira independente e autônoma com a informação que tem. A afetividade é extremamente importante nesse processo, pois é ela que possibilita o professor entender a realidade de cada aluno e motivá-lo a construir conhecimento (ARANTES, 2002).

Este é um tema bastante amplo e abre horizontes para estudos posteriores como a importância dos conflitos em sala de aula para a aprendizagem, a emoção enquanto objeto de educação, entre tantos outros.

REFERÊNCIAS

Educação Nacional, promulgada em 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Editora do Brasil,1996. BRASIL.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não.* 8. ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.

Resolução CEB. Resolução nº 2, de 7 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, DF:abril de 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02_98.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2018.

LIBÂNEO, J C. Organização e gestão da escola, teoria e prática. Goiânia:
Alternativa, 2001.

MACHADO, J.; MARMITT, D. B. N. Conceitos de força: significados em manuais didáticos. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciências, v. 15, n. 2, p. 281-296, 2016.

MAHONEY, AA e ALMEIDA, L R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação,* 2005, vol.20, p.11-30. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149752005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22/01/2023.

PIAGET, J. INHELDER, B. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

PINHO ALVES, J. P. Atividades experimentais: do método à prática construtivista. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

SALTINI, Cláudio J.P. Afetividade e Inteligência. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo. Metodologia do trabalho acadêmico. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

WALLON, Henri. Psicologia e Educação da Infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

ZABALA, . A prática educativa, como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.